

## O ENVOLVIMENTO DOS BATISTAS DO SUL DOS ESTADOS UNIDOS COM A ESCRAVIDÃO E A VINDA PARA O BRASIL PÓS-GUERRA DE SECESSÃO

Tiago Ferraz Heleodoro de Araujo<sup>1</sup>

**Resumo:** Quando lembramos do início da denominação Batista no Brasil nos vem a memória grandes pioneiros missionários que cruzaram o mar e vieram cheio de garra, força e vontade para evangelizar o Brasil. Na realidade, sempre que contamos uma história que se passa de geração em geração, costuma-se lembrar dos precursores dessas histórias como grandes heróis, deixando de analisar qualquer um de seus defeitos e erros cometidos no passado. Não é diferente na história Batista Brasileira. Nesse presente artigo, busco mostrar que a história da denominação Batista não é uma história feita somente de grandes missionários, mas também é uma história envolvida com um grave pecado: a escravidão. Com isso, não quero diminuir a denominação nem seus grandes feitos missionários no decorrer dos séculos, porém, quero trazer a memória uma história de envolvimento com o sistema escravagista nos Estados Unidos e como essa mentalidade foi defendida com unhas e dentes na denominação batista do sul, não somente em seus pensamentos, mas em suas ações, sermões e labor teológico e através desse artigo mostrar que os batistas tem muito do que se orgulhar da denominação, mas também existe um passado manchado pelo pecado do racismo e escravidão que é apagado da memória histórica que foi criada na denominação especificamente no Brasil que precisa ser lembrado para que haja reconhecimento de erros do passado para lançar fagulhas de esperança para o futuro da denominação. Encarar a história é um exercício de humildade e uma oportunidade de arrependimento.

Palavras chaves: Protestantismo, Batistas, Escravidão, Guerra de secessão, História da América.

**Abstract:** When we remember the beginning of the Baptist denomination in Brazil, we remember great missionary pioneers who crossed the sea and came full of determination, strength and will to evangelize Brazil. Whenever we tell a story that passes from generation to generation, we tend to remember the precursors of these

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e graduando em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul.

stories as great heroes, failing to analyze any of their defects and mistakes made in the past. It is no different in Brazilian Baptist history. In this present article, I try to show that the history of the Baptist denomination is not a history made only of great missionaries, but it is also a history involved with a serious sin: slavery. With this, I do not want to diminish the denomination or its great missionary achievements over the centuries, however, I want to bring to memory a history of involvement with the slave system in the United States and how this mentality was defended tooth and nail in the Southern Baptist denomination, not only in their thoughts, but in their actions, sermons and theological work and through this article show that Baptists have much to be proud of the denomination, but there is also a past stained by the sin of racism and slavery that is erased from memory history that was created in the denomination specifically in Brazil that needs to be remembered so that there is recognition of past mistakes to spark sparks of hope for the future of the denomination. Facing history is an exercise in humility and an opportunity for repentance.

Keywords: Protestantism, Baptists, Slavery, Civil War, American History.

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise a respeito de como a história dos primeiros Batistas no Brasil é contada e lembrada de geração em geração, com o foco em um exercício de memória. Em sua elaboração histórica, a igreja batista lembra sua história no Brasil a partir do seu heroísmo missionário. Embora no meio denominacional batista seja ainda muito difundida a imagem de um ideal missionário onde heróis evangelistas norte-americanos chegam no Brasil para ganhar almas daqueles que aqui já viviam como marco do início nos esforços missionários do país, é necessário um olhar mais atento sobre as circunstâncias que esses norte-americanos vieram parar aqui e se realmente o objetivo inicial dos primeiros batistas foi proporcionar o avanço das missões cristãs. Como disse João

Chaves “Nosso passado, portanto, é fator indispensável para que possamos obter um autoconhecimento maduro e corente.”<sup>2</sup>

## Quem são os Batistas

Os batistas surgem a partir do contexto dos separatistas ingleses que discordaram da reforma anglicana. Em 1553, Maria Tudor, rainha da Inglaterra, conduziu a religião ao catolicismo romano. Líderes protestantes que não foram executados no seu reinado foram exilados para o continente europeu onde entraram em contato com outros grupos de protestantes, como calvinistas. Nos dias de Elizabete esses líderes retornam a Inglaterra com novas ideias e com o desejo que os elementos romanistas fossem retirados e houvesse uma reforma com a intenção de “purificar” a igreja anglicana, sendo chamados de puritanos. No final do período de Elizabete e no início do governo de Tiago I, essas igrejas separatistas sofrem perseguição e se deslocam para a Holanda, onde há liberdade religiosa. Uma dessas congregações foi a de John Smyth e seu auxiliar Tomás Helwys. Em 1609 J. Smyth conclui que o batismo infantil não era escriturístico e convence os membros de sua congregação, batizando a si mesmo, depois a Helwys e depois batizaram sua congregação com o objetivo de reconstruir uma igreja de acordo com os padrões do Novo Testamento.

Com a morte de J. Smyth, Helwys continua liderando a igreja e se torna pastor. Escreveu vários trabalhos e um livro intitulado de Breve declaração do ministério da iniquidade, publicado em 1612, que defendia a liberdade religiosa para todos. Ele e sua congregação retornam para a Inglaterra, porque segundo ele os cristãos não devem fugir de perseguição, mesmo que tenham que morrer por Cristo e sua verdade<sup>3</sup>. Essa igreja se fixou em Spotafields, nas proximidades de Londres em 1612, sendo a primeira igreja Batista e, solo inglês. Defendendo princípios como o credobatismo, a liberdade religiosa e separação entre igreja e estado, que são

<sup>2</sup> CHAVES, B. João. **O Racismo na história Batista Brasileira**: uma memória inconveniente do legado missionário. Brasília: Conrado editorial. 2021, p.19

<sup>3</sup> HELWYS, thomas. **A Short Declaration of the Mistery of Iniquity**. Londres: the kingsgate press, 1935. p 140.

princípios batistas até hoje. Os batistas defendem que sua denominação segue os princípios bíblicos neotestamentários de ser igreja.

## Os Batistas do Sul e a defesa da escravidão

No período anterior a Guerra de Secessão, houve nos Estados Unidos grandes debates políticos que levaram à separação dos Estados do Sul e a formação de um novo país a partir dessa separação, chamados de Estados confederados da América (04/1861 a 04/1865),

A marcante presença da escravidão nos estados do Sul foi um elemento primordial para a instauração da Guerra, o que dividiu a União originada pela declaração da independência (1776) e pela constituição americana (1787) em duas regiões dissemelhantes: o norte livre e o sul escravista.

Como apresenta Izecksohn<sup>4</sup> a escravidão não é só um fator explicativo para a eclosão da Guerra, mas também importantíssimo para entender o processo de formação do estado norte-americano.

Para Thomas Jefferson, o avanço do comércio e da indústria começava a representar uma ameaça à virtude cívica original que os pais fundadores estabeleceram.

Logo, se voltava contra os grandes os industriais e comerciantes do Norte, não contra os grandes fazendeiros escravistas que viviam no Sul. Jefferson acreditava que o meio mais eficaz de manter e expandir a virtude cívica americana era ela expansão territorial e utilizava de argumentos teológicos e nacionalistas para isso. Dizia, por exemplo que “aqueles que trabalham a terra são o povo escolhido de Deus...cujos corações Ele constituiu no seu depósito peculiar de virtude genuína.”<sup>5</sup>

Logicamente, esse apelo de Jefferson obteve êxito maior no Sul, pois eram em sua maioria fazendeiros e agricultores que tinham a mão de obra escrava como

<sup>4</sup> IZECKSON, Vitor. **Escravidão, federalismo e democracia**: a luta pelo controle do Estado Nacional norte-americano antes da Secessão. Rio de Janeiro, 2003, p.47-81.

<sup>5</sup> JEFFERSON, Thomas, **Notes on the State of Virginia**. Nova Iorque: Harper & Row, 1964, Questão XIX.

cerne da força produtiva econômica e porque defendiam a superioridade da organização social agrária sobre o ambiente urbano-social. O Sul acaba se desenvolvendo com grandes latifúndios monocultores. Eram as *plantations*, um sistema de produção agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante latifúndios utilizando a mão de obra escrava como algo estrutural para manter esse sistema econômico.

Os sulistas desconsideravam a possibilidade de os negros escravizados terem qualquer tipo de direito civil, pois, para eles, a escravidão produzia um senso de igualdade entre os brancos. Ou seja, os negros não poderiam participar da identidade nacional dos norte-americanos.

Os sulistas tentaram conciliar liberdade e escravidão apelado para um importante aspecto conservador da ideologia republicana. Eles proclamavam que a escravidão fortalecia o senso de igualdade entre os homens brancos e confinava o trabalho desqualificado a uma raça inferior. Todo homem branco estaria pelo menos um gigantesco degrau acima dos status dos escravos.<sup>6</sup>

Portanto, para o Sulista a escravidão era não somente importante, mas primordial para a economia. Ademais, o pensamento racista estava enraizado nas mentes dessas pessoas pois isso fazia parte de seu pensamento nacionalista, pensamento de que o negro é apenas uma ferramenta necessária para o mantimento da ordem nacional. Ou seja, o pensamento escravocrata fazia parte da identidade nacional Sulista.

Dentre eles, estavam os Batistas do Sul. Denominação que foi responsável direta pelo trabalho batista no Brasil.

Os batistas do Sul têm um relacionamento direto com a escravidão. Seja no ato ou em sua defesa, desde pastores e líderes até os fundadores do principal seminário da denominação, o *Southern Baptist Theological Seminary*, fundado em 1859.

Esses pastores do Sul defendiam veementemente que a escravidão era uma instituição divina, bíblica e essencial. Ou seja, como disse João Chaves<sup>7</sup>“a

<sup>6</sup> HARRIS W. J. **Plain Folk and Gentry in a Slave Society**: White liberty and black slavery in Augustas Hintrlands. Middleown: Wesleyan Univrsity Press, 1987, p.190

<sup>7</sup> CHAVES, João. Op. Cit. p.27

convenção Batista do Sul era parte da construção e da manutenção da cultura racista do sul dos Estados Unidos.” A denominação nunca aceitou os negros como iguais:

Os Batistas do Sul nunca aceitaram seus correligionários afro-americanos como iguais. Eles não tinham a força de vontade, a fortaleza, a teologia e as ferramentas intelectuais para sequer complementar isso...Richard Furman, um clérigo proeminente do Estado da Carolina do Sul, argumentou que Deus sancionou a escravidão aos Estados Unidos para que a mensagem de Cristo fosse compartilhada com pagãos africanos e para ensinar povos “superiores” a cuidar de povos “inferiores” que foram confiados a seus cuidados. Deus cuidava da humanidade; maridos proviam e protegiam suas esposas e filhos e, em troca, recebiam obediência e respeito; mestres proviam para os escravos e os protegiam, exigindo obediência. Na década de 1850, essa visão reinava como uma ortodoxia virtualmente suprema entre evangélicos brancos do Sul, fossem eles clérigos de elite ou pregadores leigos sem educação.<sup>8</sup>

Além disso, a convenção Batista do Sul tem seu início ligado a defesa da escravidão quando em 1845, na igreja Batista de Augusta, foi criada em resposta à resistência dos Batistas do Norte ao sistema escravocrata.

Assim como Richard Furman, outros pastores do Sul defendiam a tese de que Deus sancionou a escravidão. Ou seja, defendem que Deus, concordou, aprovou e confirmou a escravidão. Esses pastores não só falavam sobre isso como usavam essas mesmas palavras em seus sermões dominicais para toda sua congregação ouvir. Tal qual o pastor Ebenezer W. Warren, que defendia em suas pregações que uma leitura fiel e literal da bíblia traz a convicção de que a escravidão é uma instituição ordenada por Deus e exorta outros pastores a ensinarem o mesmo:

Por essas razões, é necessário que ministros do evangelho (que tem o dever de buscar as escrituras e para quem o povo olha confiadamente para a instrução de todos os assuntos revelados na bíblia) ensinem a escravidão de púlpito, como foi ensinada por homens santos de antigamente, que falavam movidos pelo Espírito Santo.<sup>9</sup>

Ou seja, eles não só defendiam a escravidão, como acreditavam que não havia conflitos entre sua fé e ela. Ao contrário disso, estavam convencidos de que a sua fé legitimava a escravidão e a bíblia, quando bem lida, os dava fundamentos inquestionáveis de que Deus criou e ensinou os homens a instituição escravocrata.

Em 2018, o presidente do *Southern Baptist Theological Seminary*, Albert Mohler, Jr, publicou o *Report on Slavery and Racism in the History of the Southern*

<sup>8</sup> HARVEY, Paul. **Redeeming the South: Religious Cultures and Racial Identities in the South**. Chapel Hill: University of North Carolina Press 1997, p9.

<sup>9</sup> WARREN, W. Ebenezer. *The Scriptural Vindication of Slavery*, transcrito por Walter B. Shurden. 2000

*Baptist Theological Seminary*, que traduzido para o português significa Relatório sobre a Escravidão e Racismo na História do Seminário Teológico Batista do Sul. Esse relatório foi uma tentativa de pedir perdão pelo envolvimento histórico que o seminário tem com a escravidão e se retratar, lidando de maneira honesta e explícita com um passado desonesto. O relatório nos diz que B.H. Carrol, que foi fundador do Seminário, serviu no exército confederado, James Petrigru Boyce, também fundador e primeiro presidente serviu ao 16º Regimento de voluntários da Carolina do Sul. John Broadus foi capelão no exército confederado e Basil Manly defendeu entusiasticamente a escravidão e a causa confederada.

Segundo João Chaves<sup>10</sup>, muitos destes gigantes intelectuais batistas foram professores dos pioneiros batistas que trabalharam no Brasil.

O Relatório feito pelo Seminário Teológico Batista do Sul dos Estados Unidos nos mostra de maneira explícita que o corpo docente e os fundadores do seminário usaram a escravidão para se beneficiar, diziam que os próprios escravos queriam a escravidão, defenderam a posse de escravos e defenderam várias vezes de maneira pública e explícita o sistema escravocrata:

O corpo docente fundador do seminário era todo escravagista. James P. Boyce, John A. Broadus, Basil Manly Jr., e William Williams juntos possuíam mais de cinquenta escravos. Eles investiram capital em escravos que poderiam ganhar para seus proprietários um retorno anual em dinheiro sobre seu investimento. Os primeiros professores e curadores do seminário defenderam a retidão da posse de escravos. O corpo docente do Seminário apoiou a retidão da posse de escravos e se opôs aos esforços para limitar a instituição. A Vários curadores proeminentes do seminário apresentaram defesas públicas da escravidão: James L. Reynolds argumentou que a escravidão era do interesse dos próprios escravos. Joseph E. Brown argumentou que a escravidão não era um mero mal necessário, mas sim uma instituição ordenada por Deus a ser perpetuada. Apesar de seu início oposição à escravidão quando jovem, Basil Manly Sr. acabou se tornando um de seus mais ardentes apologistas. Patrick H. Mell afirmou que a escravidão era essencial para a sociedade civil. Iveson L. Brookes sugeriu que a escravidão era “uma instituição do céu”. Todos os três compartilharam um argumento teológico comum em defesa da escravidão. Eles argumentaram primeiro que a posse de escravos era justa porque a inferioridade dos negros indicava a vontade providencial de Deus para sua escravização, corroborada pela maldição profética de Noé sobre Cam. Eles argumentaram, em segundo lugar, que a posse de escravos era justa porque os escravos do sul acumulavam tais notáveis benefícios materiais e espirituais dela. Além disso, essas vozes não só defendiam a escravidão na teoria, mas também na prática, negando que abusos, violência, agressão e estupro fossem de alguma forma comuns ou

<sup>10</sup> CHAVES, João. Op. Cit. p.36

sistêmicos. Em vez disso, eles pensavam que eram exceções. Sua perspectiva era, sem dúvida, velada por sua dependência de contratados. Capatazes acusados de aplicação violenta do sistema escravagista. Além disso, em sua defesa da escravidão, o corpo docente e alguns curadores proeminentes assumiram a inferioridade negra, mesmo que muitas vezes preocupação declarada com o bem-estar dos escravos.<sup>11</sup>

É nesse seminário que existia um corpo docente que incluía donos de escravos e pastores que defendiam a escravidão de diversas maneiras, seja com argumentos bíblicos ou “científicos”, possuíam escravos e se declaravam em discursos e sermões completamente a favor da causa confederada que os missionários mais influentes na história batista do Brasil tiveram a sua formação teológica e foram treinados.<sup>12</sup>

Portanto, é necessário frisar que os Batistas do Sul sustentavam o pensamento racista escravocrata do Sulista norte-americano e que a educação teológica dos seminaristas do Seminário Teológico Batista do Sul permeava o pensamento escravocrata e supremacista branco não de maneira indireta, mas de maneira direta e explícita. Logo, de maneira nenhuma é possível descartar a influência do *Southern Seminary* na mentalidade dos primeiros batistas no Brasil que vieram pós-guerra de secessão, nem da mentalidade dos missionários que trabalharam por décadas no Brasil, como Z.C Taylor, H.H Muiread, A.L Dustan, A.R. Crabtree<sup>13</sup>, O.P. Maddox, W.E. Entzmiger, entre outros. Eles, mesmo pós escravidão mantinha seu formato pró-confederado não só na educação teológica, como também no campo missionário. A literatura missionária dos Batistas do Sul dos Estados Unidos é repleta de exemplos de sua ideologia da supremacia branca. Uma maneira que isso se mostrava era na literatura missionária da convenção batista do Sul, uma nostalgia pela escravidão que apreciava a fidelidade de um “negro fiel imaginário” à causa confederada:

---

<sup>11</sup> **Report on Slavery and Racism in the History of the Southern Baptist Theological Seminary**, Southern Baptist Theological Seminary. 2017, p. 5-6

<sup>12</sup> CHAVES, João. Op. Cit, p.36

<sup>13</sup> foi professor e reitor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e pastor na igreja batista do Andaraí de 1922 a 1948 e possui seu nome no prédio de Teologia do Seminário Teológico Batista do Brasil



“O negro provou sua lealdade não apenas à bandeira dos Estados Unidos, mas também a bandeira confederada. Ele alimentou as linhas de frente a guerra, vestiu peitorais e cuidou de esposas e crianças.”<sup>14</sup>

Ou seja, mesmo pós-guerra de Secessão a mentalidade racista estava empregada na mente dos Sulistas e era mostrada na maneira em que os Batistas faziam e enxergavam missões.

## A Guerra de Secessão

A Guerra de Secessão, também conhecida como Guerra Civil Americana, foi um conflito que ocorreu nos Estados Unidos entre 1861 e 1865. A guerra dividiu duas partes dos Estados Unidos: Os Estados Confederados da América, formados por 11 estados do Sul que se separaram da União, e os Estados Unidos da América, que representavam os estados do norte e outros estados leais à União.

A principal causa dessa Guerra foi a questão da escravidão. O Sul era uma região agrícola e dependia completamente, segundo os próprios sulistas, da mão de obra escrava para sustentar sua economia, que era baseada na produção de algodão e outros produtos agrícolas, como o tabaco. O Norte, em contrapartida, estava em um processo de industrialização e cada vez mais adotando uma postura contrária ao regime escravocrata.

À medida que o país se expandia para o oeste, surgiam atritos entre os estados que apoiavam a escravidão e aqueles que eram contra. A eleição do presidente Abraham Lincoln (1809-1865), em 1860, um republicano que se posicionava contra a escravidão, foi vista de maneira extremamente negativa, como uma ameaça aos interesses sulistas e os seus direitos. Logo, vários estados do sul decidiram se separar da União e formar os Estados Confederados da América.

A Guerra de Secessão começou em 12 de abril de 1861, quando forças confederadas atacaram Fort Sumter, uma fortaleza da União localizada na Carolina do Sul. Durante os quatro anos seguintes, os dois lados se engajaram em uma série de batalhas em todo território americano.

<sup>14</sup> CARROLL, Richard. **The Negro Exodus to the North**: Home ad Foreign Fields. 1917, p.29

A Guerra foi uma das mais sangrentas da história dos Estados Unidos, com muitas mortes em ambos os lados. As táticas militares empregadas incluíram avanços tecnológicos, como a utilização de armas de fogo aperfeiçoadas, trincheiras e metralhadoras.

Em 1863, o presidente Lincoln emitiu a proclamação de Emancipação, declarando que todos os escravos nos territórios rebeldes estavam agora livres. Isso deu à guerra um propósito moral adicional para o norte, que agora estava lutando para abolir a escravidão.

A União finalmente emergiu vitoriosa em 1865, quando o general confederado Robert E. Lee (1807-1870) se rendeu ao general da União Ulysses S. Grant (1822-1885) *Appomattox Court House*, na Virgínia. A vitória da União resultou na preservação da nação americana e na abolição da escravidão em todo país. O que não significa dizer que o fim da escravidão foi bem aceita nesses estados do sul.

## **Os Batistas do Sul dos Estados Unidos no Brasil**

Em 1810, quando o Brasil estava sobre mãos portuguesas, o governo português assinou um tratado com o Reino Unido que, entre outras coisas, garantia “liberdade” de culto aos súditos britânicos em terras portuguesas – inclusive no Brasil. O tratado estipulava, no entanto, que os britânicos não deveriam buscar converter a população portuguesa, que a arquitetura de seus locais de culto não deveria ter aparência de igreja e que demonstrações públicas da sua fé deveriam ser evitadas. Essa política geral continuou depois da independência, mas quando dom Pedro II se tornou do imperador do Brasil, em 1840, suas inclinações anticlericais e liberais o levaram a adotar uma política semelhante à dos governos liberais das repúblicas vizinhas, incentivando a imigração de pessoas provenientes da Europa e dos EUA. É nesse contexto em que protestantes Batistas norte-americanos se estabelecem nas terras brasileiras, após a guerra de Secessão que ocorreu em 1861-1865 no século XIX. Os norte-americanos já tinham certo interesse econômico no Brasil um pouco antes da guerra de secessão, principalmente na década de 1850, quando o tenente Mathew Fontaine Maury procurou agitar na imprensa e convenções dos EUA os interesses econômicos no norte do BR, a Amazonia, terra

que não havia sido explorada por colonos ainda. Após a Guerra de Secessão, Sulistas inconformados interessaram-se pela emigração no Brasil.<sup>15</sup> Juntamente com o sentimento de inconformidade com a derrota contra os estados do Norte dos Estados Unidos e novas oportunidades dadas pelo governo brasileiro a eles, passam a considerar o Império brasileiro como opção aceitável para imigração.<sup>16</sup>

De nossa parte, a verificação de que o mercado europeu de algodão se reabria, durante a Guerra Civil americana, juntou-se a constante necessidade de agricultores, com sementes e técnicas superiores ao que tínhamos. Da parte dos Sulistas, ao ressentimento da derrota, acrescia-se a humilhação pendente da reconstrução.<sup>17</sup>

Com isso, é possível notar os sentimentos de ressentimento, humilhação e desejo de se reconstruir economicamente que os Sulistas Norte-americanos carregavam consigo e trouxeram para o Brasil visando uma nova oportunidade de recomeço.

Os grupos de emigrantes que foram chegando no sul de São Paulo se agruparam em sua maioria em Santa Bárbara.

O governo do Brasil abriu diversas agências de emigração para atender os Sulistas norte americanos que desejavam emigrar. Os agentes, intermediários entre os emigrantes e os órgãos oficiais, que ficavam responsáveis para cuidar de seu próprio grupo e manter contato direto com o Governo do Império.

Agentes e pequenos grupos dos EUA começaram a chegar ao Brasil a partir do 2º trimestre de 1865, quando termina a Guerra de Secessão, como se pode observar pelas listas de passageiros desembarcados no Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, até 1868, vieram grupos de até 277 e 330 emigrados. Estimasse que o número total de emigrados estivesse entre 5 e 8 mil pessoas. Segundo Boanerges Ribeiro<sup>18</sup>, compraram sítios, introduziram suas técnicas agrícolas mais avançadas e seus meios de transporte, constroem sua própria escola para seus filhos estudarem e

<sup>15</sup> RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico** (1822-1888): Aspectos Culturais da Aceitação do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1973, p. 103

<sup>16</sup> RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit. p.103

<sup>17</sup> RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit. p.103

<sup>18</sup> RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit. p.105

seu próprio cemitério, pois os colonos eram rejeitados dos cemitérios públicos por não serem de religião católica.

Entre esses emigrantes tinham os Batistas, Metodistas, presbiterianos, episcopais e católicos, vindo dos estados confederados, Sul dos Estados Unidos. Possuem diversas profissões e ofícios, todavia, todos viviam segundo o jeito Sulista de ser, concordavam e se beneficiavam economicamente. com o sistema escravocrata, sendo esse um dos motivos econômicos para emigrar para o Brasil, pois seria de extrema dificuldade os confederados manterem seu padrão de vida no Sul dos Estados Unidos, uma vez que perderam a guerra e a escravidão é abolida nos EUA, perdendo assim a chave que faz sua economia andar, que é a mão de obra escrava. Trouxeram consigo além de suas famílias e esperança de um futuro melhor, seu estilo de vida econômico. Não é que os Batistas nunca tinham se interessado por fazer missões evangelísticas no Brasil, realmente tinham. Tal como Thomas Jefferson Bowen que é considerado o primeiro missionário Batista a vir ao Brasil em 1860 e ficou 8 meses e 9 dias no Brasil. Porém com a Guerra de Secessão, eles aproveitam a oportunidade de imigração que a tragédia econômica em razão da guerra os proporcionou, para virem ao Brasil recomeçarem suas vidas em decorrência de tudo o que aconteceu e consigo, vem também os pastores batistas.

Muitos deles chegaram no Rio de Janeiro no ano de 1866 e se estabeleciam a princípio na hospedaria de imigrantes. As improvisações e desamparos que os emigrantes viveram fizeram com que eles se movessem para outros lugares para se estabelecerem. Alguns foram para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Pernambuco, Bahia e para vários lugares do Estado de S. Paulo.<sup>19</sup>

A partir dos primeiros dias de 1866, começaram a chegar os emigrados na Região de Santa Barbara. Era um local cuja suas terras eram próprias para a agricultura, especialmente para a cultura do algodão, a cana de açúcar e cereais, além de ser regada pelo rio Piracicaba e seus afluentes ribeirão dos Toletos e o ribeirão do Quilombo. As famílias foram se fixando na terra pela aquisição ou arrendamento de propriedades destinadas à lavoura.

<sup>19</sup> ANTUNES, Betty, Op. Cit. p.14

## A igreja de Santa Barbara

Quando os norte-americanos se estabeleceram em Santa Barbara, nos fica claro que seu primeiro objetivo não era estabelecer um campo missionário naquele lugar pois não vieram pós-Guerra para isso. Estavam inconformados com a derrota e interessaram-se pela emigração para o Brasil.<sup>20</sup> Porém eram em sua maioria esmagadora protestantes, como dito antes, e mantiveram as suas práticas religiosas. Como a religião oficial do Império era o Catolicismo Romano, não realizavam inicialmente cultos públicos em determinado templo religioso. Por isso, os colonos realizavam seus cultos domésticos, que logo depois se tornaram os núcleos. Neles, realizavam seus cultos e escolas bíblicas aos domingos.

Nas suas casas, segundo documentos, a presença de homens e mulheres que eram escravizados era inegável. Mostrando que a mente escravagista dos Batistas do Sul, que agora estavam no Brasil não havia mudado de imediato. Com os encontros semanais de cultos realizados nas casas, os negros escravizados acabavam aprendendo os hinos cristãos em língua inglesa:

De início, a presença de escravos nas diversas casas, levou a que estes também aprendessem a cantar hinos em inglês. Esses escravos foram adquiridos no Brasil. (quando os emigrados vieram as nossas leis não mais permitiam que escravos entrassem no país). Os filhos daqueles escravos que ainda permaneceram com os seus patrões, por muitos anos em Santa Barbara, continuaram na mesma linha dos pais. D. Maria Araujo foi uma delas.<sup>21</sup>

Logo, construíram uma casa de reuniões para realizar tais cultos, a chamaram de “*Meeting-House*”. Construção essa que foi comunitária, dependia das contribuições de cada um.

A casa era usada até o tempo quando, pelo gradual desenvolvimento, cada grupo religioso tivesse condições de prover a sua própria sede para a execução dos seus naturais objetivos. Essas casas eram usadas para os cultos comunitários e para a escola dos filhos dos colonos. Houve 3 dessas casas, nos núcleos 2, 3 e 5. O núcleo 5 era o maior e mais usado por conta do cemitério. Com o tempo, capelas de

<sup>20</sup> RIBEIRO, Boanerges. Op. Cit, p.103

<sup>21</sup> ANTUNES, Betty, Op. Cit, p.30

madeira começaram a ser construídas e eram usadas por todos os grupos religiosos para seus cultos. Eram capelas interdenominacionais.

A primeira igreja Batista em solo Brasileiro foi organizada em 10 de setembro de 1871, em Santa Barbara, com o pastor Batista norte-americano Richard Ratcliff. Era uma dessas capelas que foram construídas. Essa comunidade se localizava no núcleo 5, o maior e mais usado núcleo. Essa igreja funcionou por tempos em uma cabana adaptada no núcleo 5 até 1875, quando a metade desse sítio é vendida. Logo depois uma outra capela é construída e inaugurada em 1878, onde realizavam suas reuniões, ceias, cultos e batismos. Essas reuniões eram feitas para atender aos próprios colonos. Os cultos, canções e tudo era feito na língua inglesa. Não existia um enfoque missionário a princípio, mas sim um foco em manter suas tradições religiosas. Era uma igreja de colonos, não de missão.

Segundo Antunes<sup>22</sup>, o trabalho missionário no Brasil efetivamente começa em 1879, com a primeira igreja Batista de Santa Bárbara, agora sim, com o pastor missionário Elias Hoton Quillin, na segunda quinzena de junho de 1879. Daí em diante, a igreja e os pastores passaram a ser enviados para serem missionários, como foi o caso do casal Bagby que chegam em 1881.

Em 1879 foi organizada por Elias Hoton Quillin a segunda igreja de Santa Bárbara, sendo uma congregação da primeira igreja. Surgiu na área da estação ferroviária e ficou conhecida como a igreja da Estação. Tal igreja foi responsável por consagrar o primeiro pastor batista de nacionalidade Brasileira, o ex padre Antonio Teixeira Albuquerque.

Com o passar do tempo essas igrejas se dissolvem e perdem sua força. Em 15 de outubro de 1882, foi organizada a “primeira” igreja Batista do Brasil, assim reconhecida pela memória criada a partir da história dos Batistas no Brasil. Organizada pelos missionários William Bagby, Z. C. Taylor e A. T. Albuquerque. Essa igreja, na verdade é a terceira igreja Batista organizada em Solo Brasileiro. Porém, como essa é uma igreja reconhecida por um caráter missionário e não

---

<sup>22</sup> ANTUNES, Betty. Op. Cit, p.100

colonial, ficou, com o passar dos anos, reconhecida como a primeira igreja Batista Brasileira e até hoje assim é denominada.

## Considerações finais

Como disse a missionária Analzira Nascimento: “Os norte-americanos acreditavam que Deus os escolhe, por causa de suas qualidades, para serem seus representantes perante outros povos. Os “civilizados” não apenas se sentiam superiores aos “não civilizados”, como também responsáveis por eles.”<sup>23</sup>

Observamos com esse artigo que os Batistas do Sul dos Estados Unidos carregam consigo um legado desse pensamento colonizador que não levava em conta a existência do outro, a não ser como meras ferramentas e objetos humanos que serviam somente para seus interesses econômicos e nada mais. Esse é um acontecimento na história da denominação Batista não somente estadunidense, como também Brasileira, pois é a partir dos Sulistas Norte Americanos que os Batistas vieram para o Brasil após derrota na Guerra Civil. Ou seja, os, batistas Brasileiros também carregam parte desse episódio em sua história. Porém, como dito no início desse artigo, encarar a história como ela realmente é requer um profundo exercício de humildade, reconhecendo que uma história denominacional não é feita só de heroísmo e pioneiros missionários, mas como seres humanos caídos e pecadores, existe também na linha do tempo histórica episódios como o racismo e a escravidão fazendo parte de dela. Não é possível omitir o fato de a denominação batista ter se envolvido em defesa da escravidão por muitos anos. Somente reconhecendo as manchas pecaminosas do racismo e escravidão que então, honestamente e arrependidos os batistas brasileiros darão passos na direção de um futuro de justiça e paz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>23</sup> NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**: O risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015. p. 27

ANTUNES, Betty de Oliveira. **Centelha em Restolho Seco**: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil. Rio de Janeiro: Ed da autora, 1985.

CHAVES, B. João. **O racismo na história batista brasileira**: uma memória inconveniente do legado missionário. Brasília: Conrado Editorial, 2021.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização?** O risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888**: Aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.

IZECKSOHN, Vitor. **Escravidão, federalismo e democracia**: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão. Rio de Janeiro: Topoi, 2003. p.47-81

HELWYS, Thomas. **A short declaration of the mistery of iniquity**. Londres: The Kingsgate Press, 1935.

CARROLL, Richard. **The Negro Exodus to the North**: Home ad Foreign Fields. 1917, p.29

**Report on Slavery and Racism in the History of the Southern Baptist Theological Seminary**, Southern Baptist Theological Seminary, 2017

WARREN, W. Ebenezer. **The Scriptural Vindication of Slavery**, transcrito por Walter B. Shurden, 2000

HARVEY, Paul. **Redeeming the South**: Religious Cultures and Racial Identities in the South. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1997.

JEFFERSON, Thomas, **Notes on the State of Virginia**. Nova Iorque: Harper & Row, 1964, Questão XIX.

HARRIS W. J. **Plain Folk and Gentry in a Slave Society**: White liberty and black slavery in Augustas Hintrlands. Middleown: Wesleyan Univrsity Press, 1987.